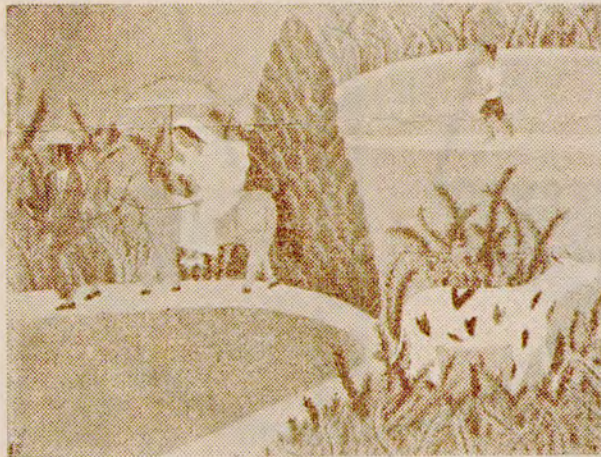
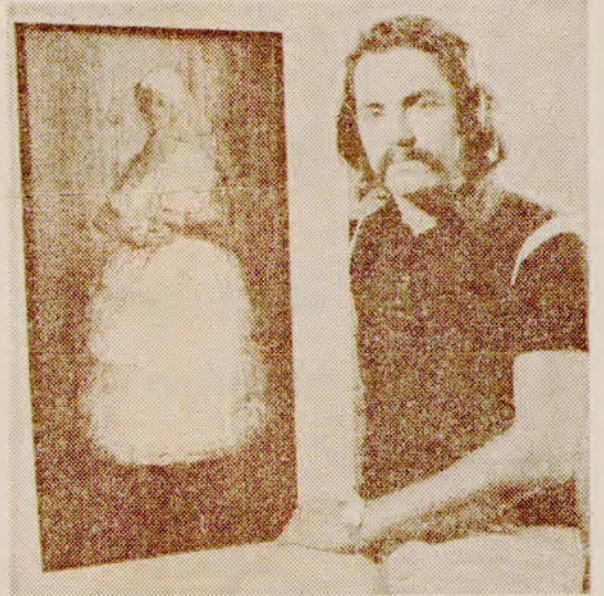


As Exposições



Pintura de Mary Lino

Quatorze pintores de tendência ingênua ou primitivista constituem a coletiva com que a Vernissage — Galeria de Arte (Rua Hilário de Gouveia, 57-A) dá hoje início, às 21 horas, às suas atividades em 1973. Os artistas são Chico da Silva, Chatel, Daniel, D. Vanni, Gildenberg, Ronaldo, Isabel de Jesus, Jacira, Januário, Josael, Marianna, Mary Lino, Paula e Rosina Becker do Vale. Num press-release também naif, explica a direção da galeria: "Temos confiança de que esta coletiva de primitivos irá de encontro ao desejo de todos que aqui vierem à procura daquilo que é típico e bem autêntico da alma e da Arte brasileira." Na verdade, desejaríamos ver a Galeria Vernissage organizando algo de mais peso e sentido, mesmo "nesta época que antecede o carnaval, quando o turismo na cidade se intensifica".



Romanelli

Óleos de Romanelli acham-se há dias em exposição na Galeria do Banco Andrade Arnaud S.A., à Rua Figueiredo Magalhães, 263, e Avenida Franklin Roosevelt, 39. O artista é de 1945, começou a estudar Direito em 1968 e dois anos após, segundo reza o currículo, "abandona seu escritório de advocacia para se dedicar somente à pintura" — o que pode ter sido bastante prematuro. Farda Issa apresenta o artista, que aos 27 anos já levou a efeito sete individuais e tomou parte em 27 exposições, com nada menos de sete premiações, entre medalhas e menções.

BALANÇO FINAL DE 1972

Em três artigos anteriores, analisamos, mês por mês, os vários fatos que mais repercutiram em 1972 no campo das artes visuais, selecionando para os leitores cerca de 200 acontecimentos, dos mais de 3.000 focalizados no ano findo pela coluna Vida das Artes. Hoje procedemos ao balanço final do ano artístico de 1972, apontando as melhores exposições e os melhores livros, examinando as peculiaridades e tendências do mercado de arte, o trabalho nos museus e galerias e da crítica de arte, para concluir com uma breve avaliação da crise da criatividade.

Exposições

No setor das exposições, destacamos as de natureza museográfica ou retrospectiva das individuais efetuadas em galerias comerciais. Em nossa opinião, as mostras de caráter museográfico mais importantes de 1972 foram:

1. Memória da Independência, grande painel que teve por objetivo a reconstituição do ambiente político, social e cultural do Brasil, em tempos da Independência (Museu Nacional de Belas-Artes);
 2. Alfredo Volpi: Pintura, retrospectiva da extensa carreira artística desse grande pintor (MAM do Rio de Janeiro);
 3. Paul Klee (MAM do Rio de Janeiro);
 4. Pierre Bonnard (MAM do Rio de Janeiro);
 5. Henrique Alvim Corrêa, a revelação de um grande e até aqui mal conhecido pintor brasileiro de inícios do século, através 250 trabalhos gráficos (Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand);
 6. Coleção Abelardo Rodrigues, 517 exemplos de arte indígena, popular, barroca e contemporânea brasileira, do acervo do grande colecionador pernambucano já falecido (Palácio Itamarati, Brasília);
 7. III Bienal Internacional de Desenho Industrial, com a participação de designers brasileiros, suíços e da República Federal da Alemanha (MAM do Rio de Janeiro);
 8. Arte Popular Brasileira da Coleção Van der Beuque (Galeria do IBEU);
 9. Portinari, mostra comemorativa de dez anos de seu desaparecimento (Museu Nacional de Belas-Artes);
 10. Panorama de Arte Atual Brasileira 1972, dedicado à escultura e à tridimensionalidade (MAM de São Paulo).
- Entre as exposições individuais realizadas em galerias, destacaram-se a nosso ver: Osmar Dillon, Joaquim Tenreiro e Paulo Roberto Leal (todas na Galeria Ipanema); João Carlos Galvão e Emanuel Araújo (Galeria Bonino); Omar Rayo e Carlos Vergara (MAM do Rio de Janeiro); Frans Josef Weismann (Grupo B); Frans Krajcberg (Múltipla Galeria, São Paulo); Eugênio Sigaud (Galeria da Praça) e Martinho de Haro (Chica da Silva), ambas reveladoras de dois velhos artistas de há muito afastados das exposições; Sérgio Camargo (Collectio e Petite); Hélio Otticica (Galeria Ralph Camargo, São Paulo); Roberto Moriconi (Petite Galerie e Galeria Lotus, Recife).

Os livros

Do escasso número de livros publicados no país sobre temas de arte, no ano que passou, devem ser realçados:

1. Arte e Sociedade nos Cemitérios Brasileiros, de Clarival do Prado Valladares;
2. Tendências da Escultura Moderna, de Walter Zanini;
3. Dicionário de Arquitetura Brasileira, de E. Corona e C. Lemos;
4. Guia dos Museus do Brasil, de Fernanda C. de Almeida;
5. Landseer (Editor: C. G. de Paula Machado);
6. Portinari, de L. Martins e Antônio Bento;
7. O Barão von Loewenstern no Brasil, 1827-1829 (Editor: Paulo Geyer);

8. O Mundo da Arte, em 10 volumes;
9. Enciclopédia dos Museus e História Universal da Arte, respectivamente em 12 e 3 volumes;
10. Arte e Comunicação, de Celso Kelly.

A tais obras seria lícito acrescentar alguns catálogos de exposição que, por seu texto e ilustrações, tornaram-se desde logo instrumentos imprescindíveis para público e crítica, entre eles os das mostras Memória da Independência, Alfredo Volpi e Coleção Abelardo Rodrigues.

Mercado de arte

O quadro mais caro vendido em 1971 foi um óleo de Portinari que atingiu a cifra dos Cr\$ 90.300 (Casamento na Roça, 65 x 54 cm, datado de 1959). Esse preço recorde seria ultrapassado diversas vezes em 1972, quando um Auto-Retrato de Ismael Nery atingiu Cr\$ 276.000, um óleo de Portinari Cr\$ 320.000 e um de Picasso Cr\$ 400.000. Entre as grandes transações comerciais do ano findo, no campo das artes, devem ser ainda destacadas a compra de 12 obras de artistas estrangeiros modernos da Coleção Jostes Leão (só uma delas, uma pintura de Chagall, teria sido revendida imediatamente em São Paulo por quantia superior a Cr\$ 1 milhão), e a aquisição, por um grupo de marchands, de parte ponderável do acervo do Museu Segall, orçada por alguns em Cr\$ 4 milhões.

A Collectio continuou dominando o setor dos leilões de arte em São Paulo, embora não obtivesse muito sucesso no Rio. Pelo contrário, a Bolsa de Arte do Rio de Janeiro preferiu atuar em 1972 em São Paulo, onde realizou com êxito algumas vendas públicas. Como tendência geral observou-se, a partir do segundo semestre, certa saturação do público frequentador de leilões, que passou a se deparar com preços altíssimos a que não correspondia, quase nunca, igual qualidade. A falta de bons originais de bons artistas, os marchands e organizadores de leilões tiveram de recorrer a bons originais de artistas menores, e (com maior frequência ainda) a maus originais de maus artistas. Por outro lado, não se renovou o elenco de grandes nomes que constituem a linha de frente do mercado de arte nacional — e com irritante regularidade todos os leilões de arte realizados em São Paulo e no Rio apresentavam os mesmos Portinari, Di Cavalcanti, Volpi, Guignard, Pancetti e similares, o que também terá concorrido para a exaustão. Ainda assim, e graças às facilidades de financiamento, dos quase US\$ 8 milhões vendidos em arte no Brasil durante 1972 (a estimativa não é nossa), cerca de 70% te-lo-ão sido através de leilões.

Registre-se, finalmente, a publicação do Anuário de Vendas de Arte no Brasil, pela Bolsa de Arte do Rio de Janeiro, o primeiro repertório nacional de vendas, útil a despeito de limitações e defeitos.

Museus e galerias

O MAM do Rio de Janeiro organizou algumas das melhores mostras do ano — Volpi, Klee, Bonnard, III Bienal de Desenho Industrial —, e como um todo destacou-se como o museu brasileiro de maior atividade em 1972 — o que foi em boa parte consequência da ação eficaz e equilibrada de sua diretoria, liderada por Heloisa Lustosa e Fernando

Wesley Quintella. Também o Museu Nacional de Belas Artes teve boa atividade no ano findo, realizando diversas mostras de peso, levando a cabo concertos, cursos, sessões cinematográficas — enfim, saindo do marasmo em que a pusera a administração anterior. Já a partir do ano corrente a diretora Maria Eliza Carrazoni irá dispor de imenso espaço (com a saída da Escola de Belas Artes para a Ilha do Fundão), o que lhe trará novas possibilidades de trabalho mas, a princípio, enormes problemas.

O Museu da Chácara do Céu, da Fundação Castro Maia em Santa Teresa, foi finalmente aberto com seu excelente acervo de arte moderna estrangeira e brasileira, enquanto em São Paulo o Museu do Sol, especializado em arte ingênua, era inaugurado para logo cerrar suas portas, carente de recursos materiais. O Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, o Museu de Arte Contemporânea e o Museu de Arte Moderna de São Paulo tiveram um ano pleno de atividades, tendo cabido ao MAC receber uma das mais ricas doações já realizadas em São Paulo a um museu brasileiro: quase duas dezenas de originais de Modigliani, Dufy, Picasso, Braque, Mariné e outros grandes artistas modernos, avaliados em milhões de dólares (vendedores: Yolanda e Ciccio Matarazzo).

Crítica de arte

Logo em inícios do ano verificou-se uma cisão no seio da crítica de arte brasileira, desligando-se pequeno número de membros da Associação Brasileira de Críticos de Arte para formarem o Centro Brasileiro de Crítica de Arte. Uma e outra entidades nada mais tinham de positivo durante todo o resto do ano, assim confirmando o marasmo em que nos últimos anos vem resvalando a atividade crítica entre nós. Isso não impediu que dois críticos — Quirino Campofiorito e Antônio Bento — tenham sido indicados para o Estêvão de Sá de 1972 e de 1973, e um terceiro, Carlos Cavalcanti, tenha recebido o título de Melhor Crítico de 1971, por ocasião da Semana da Crítica efetuada em princípios de 1972.

Criação artística

Finalmente, uma palavra sobre a criação artística, propriamente dita. Um simples exame das mostras mais importantes de 1972 revelará que a maior parte delas tinha valor mais histórico e retrospectivo, raras correspondendo a momentos de criação atual. Há, em nosso entender, uma crise de criatividade artística no Brasil, não sendo esse o momento de lhe estudar ou lhe apontar as causas. Praticamente nenhum novo valor despontaria durante todo o ano, embora se fizessem nomes já conhecidos de outras temporadas, como — para só citar alguns de jovens — Paulo Roberto Leal, João Carlos Galvão e Ascânio Monteiro. Talvez o acontecimento básico de 1972 no campo da criatividade tenha sido o surgimento do múltiplo no panorama artístico brasileiro — um múltiplo ainda mal compreendido talvez, mas de qualquer modo indicando um caminho novo. Na gravura, registre-se a nova saída proposta por Emanuel Araújo. E realce-se a pintura de João Camargo, também uma possível saída para esse meio expressivo antiquíssimo.